

## **EM TEMPOS DE INCERTEZA O PESQUISAR É PRECISO?**

George Saliba Manske<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Algumas considerações são os pontos de partida sobre o fato de que vivenciamos na atualidade uma crise das verdades absolutas desenvolvemos algumas reflexões sobre possibilidades de construção de pesquisas que se inserem neste paradigma contemporâneo. Para isso, discutimos num primeiro momento, o marco teórico que privilegia a compreensão de investigações alicerçadas em tal condição. Na seqüência apresentamos as maneiras pelas quais inserido neste paradigma de dúvidas e incertezas que delineiam as produções que realizamos os modos pelos quais desenvolvemos a construção do objeto de estudo durante a pesquisa no curso de mestrado.

Palavras-chave: Pesquisar . Conhecimento. Estudo. Pós-estruturalismo. Culturas.

### **1 INTRODUÇÃO**

É recorrente, na atualidade, falar numa crise do pensamento. Esta crise é abordada como tema no ciclo de conferências promovido pelo Ministério da Cultura em parceria com instituições de ensino públicas e privadas do Rio Grande do Sul, durante o mês de maio de 2006 na cidade de Porto Alegre, tem como título a atual situação da “Cultura e do pensamento em tempos de incerteza”.

Dentre as questões a serem debatidas no referido evento destacam-se temas referentes à crise dos ideais universais, ao ceticismo brasileiro diante de sua vida política, o fanatismo religioso em algumas regiões do mundo entre outros aspectos que tangenciam as dúvidas e transformações daquilo que se acreditava ser estável em nosso mundo moderno. Embora tenha conhecimento que inúmeros autores propunham que tal crise é um momento de fissuras e rupturas com as metanarrativas da modernidade, o qual nos endereça para as inerentes incertezas e contingências que compõem nossas verdades e mundos, não pretendemos, neste texto, discutir as transformações de pensamento que apontam para este ou aquele estado e momento histórico da humanidade.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Coordenador e docente do curso de Licenciatura em Educação Física do IBES - Instituto Blumenauense de Ensino Superior. ([george@unibes.edu.br](mailto:george@unibes.edu.br)).

O que me interessa pensar a partir desta chamada crise do pensamento e de uma quase celebração da contingência é o fato de que tais acontecimentos perpassam – e não podia ser diferente – os diferentes campos de produção de saberes, e mais detidamente, os modos como se vêm desenvolvendo essas produções, tal como as pesquisas e investigações que realizamos nos âmbitos das universidades e outras instituições de ensino.

É inserido nesta condição cultural de dúvidas e incertezas que venho discutir alguns dos modos pelos quais desenvolvi uma investigação (MANSKE, 2006), a fim de tornar tais processos investigativos como parte integrante deste emaranhado de produções contemporâneas inseridas numa crise do pensamento. Para tal me detenho, principalmente, nas maneiras pelas quais construí o objeto de estudo de minha pesquisa, assim como, nos modos pelos quais acabei por torná-lo um problema a ser investigado e analisado.

Cabe ressaltar, para um melhor acompanhamento do leitor que meu estudo foi realizado na Associação Cristã de Moços<sup>2</sup> (ACM) de Porto Alegre. A ACM é uma instituição centenária na referida cidade e possui mais de 150 anos de existência desde sua institucionalização em Londres, Inglaterra, no ano de 1844. Durante este estudo alguns temas tornaram-se centrais, constituindo, desde a construção do objeto até as análises e considerações realizadas, a base na qual desenvolvi a investigação. São eles: juventudes, produção de lideranças juvenis e voluntariado social. Estas práticas e temas constituem os grupos de liderança juvenil da ACM de Porto Alegre, espaço em que estive vinculado desde o segundo semestre de 2004 até meados de 2005 na realização dos processos investigativos da referida pesquisa.

Neste processo, tive como objeto a ser analisado as produções dos jovens líderes acemistas para o exercício de voluntariado social, e na realização das discussões referentes a este objeto, eu procurei problematizar as práticas desenvolvidas nos grupos de liderança juvenil que são propostas com a intenção de formar jovens líderes para o exercício do voluntariado social.

As discussões realizadas estão ancoradas no campo dos Estudos Culturais nas vertentes denominadas pós-estruturalistas. Inserido neste campo de estudos e perspectiva teórica apresento, nesse texto, um modo específico pelo qual experimentei

---

<sup>2</sup> Chamo a atenção do leitor para o fato de que usarei ao longo deste texto a abreviatura ACM para tratar da Associação Cristã de Moços, assim como o termo acemistas para designar práticas e sujeitos que estejam vinculados à ACM.

minha investigação. Desse modo, este texto torna-se menos uma receita de pesquisa do que uma discussão sobre as inúmeras possibilidades de construção de conhecimentos, assim como, das possibilidades dos caminhos não somente a serem trilhados, mas principalmente, criados para posteriormente serem abandonados.

Este texto está dividido em dois momentos. O primeiro se refere a alguns pressupostos que precederam minha investigação nos quais acredito delinear as possibilidades do pesquisar. No segundo momento destaco alguns aspectos que conduziram a construção do objeto de estudo de minha investigação e suas possíveis problematizações, desde a perspectiva teórica assumida.

## **2 DELINEAMENTOS TEÓRICOS**

A perspectiva teórica assumida quando da realização de uma pesquisa não indica apenas em que marco teórico tal produção acadêmica será desenvolvida, mas antes disso, delimita as maneiras como será construído o objeto de estudo, as questões de pesquisa, o material empírico e as problematizações a serem feitas, os caminhos metodológicos, os recortes, as unidades, as problematizações, em suma, a inscrição teórica condiciona as possibilidades de composição, os modos de elaboração, as maneiras de olhar e construir a pesquisa e[m] seus múltiplos movimentos, a maneira pela qual estaremos entendendo o nosso mundo particular da investigação.

No estudo realizado procurei deslocar meu olhar de um referencial teórico que buscasse a possibilidade de explicar como as coisas verdadeiramente são. Tal entendimento de verdade como resultado do uso correto da razão e da aplicação minuciosa de observações e de lógicas racionais é resultante de diversas transformações ocorridas num período que tem início no Renascimento e consolida-se no Iluminismo denominado de Modernidade (HALL, 2003; SILVA, 1999). O modo de compreender o mundo desenvolvido a partir destas lógicas racionais influenciou diferentes campos de saber que, a partir desta racionalidade, buscaram analisar diversos acontecimentos, constituindo, assim, variadas epistemologias. Embora distintas tais epistemologias apresentam algumas características em comum, como por exemplo, a concepção de linguagem (VEIGA-NETO, 2002).

Veiga-Neto (2002, p. 26) enfatiza que nas distintas epistemologias desenvolvidas a partir do pensamento moderno “a linguagem é entendida como um instrumento capaz de descrever o mundo e, de certa forma, representá-lo”. O autor

segue afirmando que nesta perspectiva a linguagem funciona como um meio capaz de chegar à realidade quer seja por sua aplicação minuciosa e descritiva dos fatos observados quer seja pela aplicação correta que supere as distorções que os fatos colocam sobre a realidade. Assim, desde que utilizada de maneira correta e eficaz, baseada pelos princípios da racionalidade que a sustentam, a linguagem poderia ser potencialmente uma ferramenta de aquisição e de encontro com as verdades.

Tal entendimento de linguagem é deslocado no início do século XX, principalmente a partir dos trabalhos do lingüista suíço Ferdinand Saussure. Em Saussure, a linguagem não é uma ferramenta utilizada para a apreensão e a descrição do real e da verdade das coisas, é ela que delimita e produz o que são as coisas a partir das estruturas sociais internas que a conformam. Em seus estudos, Saussure entendia que a língua, em sua parte de sistemas estruturados, era o que conformava a fala enquanto prática, enquanto uma ferramenta que utilizava a estrutura mais profunda de sistemas e convenções para colocar em movimento possíveis significados.

Muitos outros autores elaboraram a partir dos trabalhos de Saussure algumas considerações em relação à concepção de linguagem por ele promulgada. Para o movimento de pensamento ou a atitude convencionalizada de pós-estruturalismo a linguagem adquire maior centralidade enquanto meio de produção de significados e, de certa forma, é radicalizada em relação à concepção desenvolvida nos trabalhos de Saussure (SILVA, 1999).

Na ótica pós-estruturalista os significados produzidos pelos processos de significação ocorridos através das linguagens não são nunca fixados, esgotados e finalizados, há sempre uma falta, uma incompletude, uma brecha, uma fenda que se abre ininterruptamente nas relações de produção de sentido das coisas. E tal compreensão é um dos deslocamentos realizados pela perspectiva pós-estruturalista em relação ao entendimento de linguagem idealizado por Saussure, pois enquanto para este estudioso o método estruturalista da linguagem, se aplicada com um rigoroso cientificismo, poderia estabelecer e identificar estruturas universais e comuns a todas as culturas - tendo a pretensão de um formalismo auto-suficiente - no pós-estruturalismo a linguagem é concebida como antifundacional, ou seja, não existe nenhum elemento, essência, organização ou estrutura “de qualquer tipo, que possa garantir a validade ou a estabilidade de qualquer sistema de pensamento” (GUTTING, 1998 apud PETERS, 2000, p. 39).

Assumir a importância da linguagem como um meio de produção de sentidos e significados requer pensar não apenas como a linguagem funciona na produção desses significados, mas também, quais os efeitos desses processos de significação em nossas vidas, em nossas práticas, em nossas subjetividades, nas maneiras como nos entendemos e como compreendemos o mundo. O deslocamento proposto no pós-estruturalismo – principalmente nas vertentes que se utilizam dos estudos de Michel Foucault - evidencia a necessidade de problematizar os efeitos dessas produções em nossas vidas, o que é produzido como verdade e como conhecimento, com que efeitos e para quem, quem pode, o quê, de que posição, em que momento e de que maneira participar no processo de significação, em suma, tal perspectiva advoga a necessidade de estarmos atentos às relações de poder e de produção de conhecimento que permeiam os processos de significação.

Foi a partir deste movimento de transformação conceitual em relação à linguagem – denominado de ‘virada lingüística’ – que, em meados de 1960, houve um movimento de transformação política e epistemológica – denominado de ‘virada cultural’ - que contribuiu para a emergência de um campo de estudos organizado em torno da cultura, os campos dos Estudos Culturais.

Desde tal reconfiguração teórica e das produções de conhecimento desenvolvidas desde este campo de estudos, a cultura passou a ser compreendida como um conjunto de sistemas de organização e de classificação de sentidos no qual a linguagem, como instância privilegiada de significação, é posta em movimento a fim de dar significado às coisas (HALL, 1997). Assim, poderíamos pensar não mais em Cultura, no singular, mas em culturas, no plural, e tampouco em distinções hierárquicas de culturas, outrossim, pensar que elas são produtos e produtoras das relações sociais de grupos e indivíduos.

Tal possibilidade de pluralizar o termo cultura acarretou pensá-lo como uma condição constitutiva da vida social e com um “amplo poder analítico e explicativo” nas Ciências Humanas e Sociais, adquirindo, dessa forma, uma centralidade em nosso mundo contemporâneo (HALL, 1997, p. 16). Essa centralidade não significa que a cultura seja o centro das ações humanas ou um elemento neutro e acima dos outros para realizarmos análises e compreensões, mas essa centralidade se refere ao fato de que a cultura perpassa todos os espaços e recantos da vida humana.

A partir desse delineamento teórico que desenvolvi minha investigação. Procurei incorporar no modo de pensar, escrever e pesquisar tais pressupostos sobre o que pode

ser conhecimento e como ele é produzido. Assim, desde esse campo de estudos, seguindo algumas considerações sobre as possibilidades de análise cultural, procurei elaborar um objeto de estudo e suas possíveis problematizações.

### **3 DAS POSSIBILIDADES DE CONSTRUÇÃO DE UM OBJETO DE ESTUDO**

Durante a construção do objeto de estudo procurei colocar em movimento aquilo que Hall (1997) descreve como sendo parte da constituição cultural de sentidos e verdades dos objetos que temos possibilidades de conhecer. O referido autor, ao comentar sobre a centralidade da cultura na contemporaneidade, destaca que nem sempre nas Ciências Humanas e Sociais atribuiu-se uma importância aos *aspectos substantivos* e um peso e legitimidade aos *aspectos epistemológicos* quando das análises sobre os modos de constituição de sentidos e de verdades na cultura.

Hall (1997, p. 16) evidencia a importância de estarmos atentos aos aspectos substantivos da cultura, ou seja, às condições materiais e empíricas que organizam “atividades, instituições, e relações culturais na sociedade” (tais como as práticas acerca de juventude, voluntariado e liderança) a fim de que possamos compreender de que modo afetam e condicionam – ao mesmo tempo em que são condicionados por – os aspectos epistemológicos da cultura, ou seja, os modos pelos quais são produzidos os conhecimentos acerca desses processos empíricos “reais”.

Desta forma, procurei pensar e elaborar algumas recorrências contemporâneas acerca do objeto de estudo que delineava balizado, principalmente, pelos três eixos temáticos, quais sejam: as juventudes contemporâneas, as ações de voluntariado social e a produção de lideranças. Busquei algumas possíveis articulações entre os eixos, a fim de elaborar meu objeto de estudo ancorando-me na existência de seus elementos na contemporaneidade, e não isolados da cultura da qual fazem parte.

Ressalto que esta proposta ocorreu em duas frentes: a primeira refere-se à recorrência dessas temáticas desde os aspectos substantivos da cultura, ou seja, reportagens, cartazes, notícias, programas, palestras e outros artefatos que versassem sobre jovens, voluntariado e liderança. Seguindo, destaco a recorrência desses temas em seus aspectos epistemológicos, ou seja, as produções de “verdades” e de conhecimento desenvolvidas sobre essas mesmas temáticas.

Ao buscar recorrências contemporâneas dos três eixos, procurei problematizar as diferentes modalidades e maneiras como estes temas são produzidos nas sociedades, a

fim de compreender suas relações singulares com as redes de significados e de saberes que estabelecem entre si. Tal tarefa colabora ao entendimento da relação íntima que o empírico e o material possuem com os aspectos epistemológicos que as culturas produzem; propiciam entender que “tais relações são intrínsecas, são relações em que não há um ponto de partida e nas quais causa e consequência se confundem também inextricavelmente” (VEIGANETO, 2002, p. 168); é compreender que aquilo que podemos produzir como conhecimento está atrelado às condições empíricas nas quais vivemos e nas quais estamos imersos.

### 3.1 DE PRÁTICAS CULTURAIS CONTEMPORÂNEAS À COMPOSIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO: JUVENTUDES, VOLUNTARIADOS E LIDERANÇAS

É possível perceber que a sociedade brasileira nos últimos anos vem dedicando maior atenção aos jovens, sendo estes sujeitos freqüentemente alvos de preocupações e estudos (ABRAMO, 1997; SPOSITO; CARRANO, 2003). Essa constatação reflete-se nos diversos investimentos realizados pelos diferentes setores da sociedade, tais como a opinião pública, os meios de comunicação, órgãos públicos governamentais, instituições políticas, acadêmicas, assistenciais, filantrópicas, entre outras.

Embora os autores acima referidos apontem que somente nos últimos anos as iniciativas públicas e as políticas governamentais estejam sendo desenvolvidas na direção de contemplar os jovens brasileiros, outras instituições como associações beneficentes e organizações não-governamentais (ONGs), há mais tempo, e crescentemente, vêm destinando programas e projetos às diferentes juventudes no Brasil. Dessa forma, segundo Abramo (1997), há um incremento de projetos sociais preocupados em desenvolver junto aos jovens distintos elementos que contribuam para sua formação como sujeitos sociais, tais como a cidadania e o protagonismo. Indo um pouco mais além, poderíamos acrescentar o voluntariado e a liderança como aspectos também abordados por alguns projetos.

No Rio Grande do Sul, por exemplo, há uma organização não-governamental, a Parceiros Voluntários, em que participam, atualmente, 32 mil jovens engajados em diversas ações, sendo este “o maior movimento de voluntariado jovem do país”, somando, junto com os outros participantes, “mais de 90 mil pessoas atuando em ações voluntárias” (JORNAL CORREIO DO POVO, 16 jan. 2005, p. 18). Estas ações,

envolvendo jovens e voluntariado, vêm ganhando cada vez mais espaço nos meios de comunicação de nossas sociedades.

No dia 21 de abril de 2005, feriado nacional, muitos jovens resolveram “abrir mão de seu feriado” para auxiliar na reforma do Colégio Estadual Júlio de Castilhos (Porto Alegre), realizando pinturas no prédio, segundo relato de um jovem entrevistado no programa jornalístico da TV Educativa do Rio Grande do Sul. Nesta atividade, onde os jovens eram os principais agentes da ação voluntária, houve a presença do secretário estadual da educação do Rio Grande do Sul, José Fortunati, comentando a importância social destas atitudes dos jovens cidadãos e de sua vinculação com os processos educativos.

Embora a ação voluntária juvenil seja o centro da referida reportagem ou que agregue em torno de si milhares de jovens como no exemplo da ONG Parceiros Voluntários, parece haver a necessidade de um elemento indispensável para a realização do voluntariado, elemento evidenciado, por exemplo, nas palavras do secretário, quando refere que “para a ação voluntária é preciso ter atitude”. Nesse caso, esta ação se articula à necessidade de uma “atitude juvenil”, elementos que associados podem ser produtivos para a sociedade.

É importante perceber que o voluntariado juvenil se engendra, também, com outros elementos e em distintos espaços sociais na atualidade, assumindo diferentes características em cada um desses espaços. Um exemplo disso pode ser evidenciado no seguinte fato: certa vez, ao caminhar pelas ruas de Porto Alegre me deparei com um cartaz fixado em uma parede que tinha o seguinte dizer: “Globalização, idealismo e voluntariado”. Como o assunto me interessava, resolvi conferir sobre o que se tratava.

A Sociedade Nova Acrópole<sup>3</sup>, espaço indicado no referido cartaz, possui sedes na cidade de Porto Alegre e realiza estudos sobre filosofia promovendo palestras abertas ao público. Aconteceu, no dia 28 de abril de 2005, um encontro com o título de

---

<sup>3</sup> A Sociedade Nova Acrópole é reconhecida como uma Fundação de utilidade pública que executa ações sociais e culturais, estando presente, atualmente, em mais de 40 (quarenta) países e representando mais de 15 (quinze) idiomas e uma ampla gama de convicções religiosas, origens étnicas e heranças culturais. Sua principal missão é buscar despertar no homem e na mulher uma visão global através do estudo comparado das Ciências, das Religiões, das Artes e das Filosofias (ASSOCIAÇÃO CULTURAL NOVA ACRÓPOLE. Disponível em: <[www.associacaoculturalnovaacropole.com.br](http://www.associacaoculturalnovaacropole.com.br)>. Acesso em: 07 fev. 2006).

“Globalização, idealismo e voluntariado”, coordenado pelo professor Fabiano Camilo.

Nesse encontro, entre os diferentes temas abordados, foram discutidos:

I) a importância dos jovens nas ações voluntárias nas quais os jovens desempenham um papel fundamental como atuantes e agentes de modificação das sociedades.

II) a necessidade de o jovem ser idealista, o que, a partir das palavras do palestrante, estabelece uma dinâmica no voluntariado, ativa o voluntariado, é uma atitude do querer mudar, do tomar a frente nas ações voluntárias, de ser um consciente multiplicador de ações. Nesse exemplo, podemos perceber a relação estabelecida entre a ação voluntária e a necessidade dos jovens voluntários serem idealistas, pois o idealismo, ao mobilizar e potencializar as ações daquele que executa o voluntariado, torna-se um aspecto essencial nas ações voluntárias.

Diante desses exemplos, percebemos que há distintos investimentos sociais centrados nos jovens e nas ações voluntárias, quer sejam acerca dessas ações e sua vinculação com a educação e a necessidade dos jovens em tomar atitudes, quer sejam articulações entre o voluntariado e a urgência dos jovens serem agentes de modificação das sociedades, multiplicadores de ações, enfim, idealistas, tal como promulgou a palestra “Globalização, Idealismo e Voluntariado”.

Independentemente do espaço social em que estejam sendo produzidas, veiculadas e fomentadas, as práticas de voluntariado social e sua articulação com os sujeitos jovens vêm adquirindo uma grande visibilidade nas culturas contemporâneas.

Além das recorrências acima referidas sobre as diferentes articulações estabelecidas entre jovens e voluntariado social, há, ainda, outras possibilidades de se realizar este imbricamento, as quais ligam e potencializam a produtividade da díade *jovem-voluntário*. No caso do meu estudo o elemento que esteve imbricado ao jovem e à ação voluntária foi a *liderança*.

A liderança é um termo amplamente utilizado na Associação Cristã de Moços de Porto Alegre, que desenvolve, em conjunto com o voluntariado juvenil, ações que contemplam e buscam desenvolver nos sujeitos participantes elementos do “líder acemista”.

Na tradição do trabalho acemista o incentivo ao desenvolvimento de líderes foi e é a variável presente e constante, [...] o líder (agente de transformação) tem no seu agir como voluntário a sua maior força de colaboração, já que ser agente de transformação e ser voluntário é uma ferramenta indispensável na função da liderança cristã. (ACM, 1999, p. 9).

É possível destacar, acerca da conexão estabelecida entre liderança e voluntariado jovem na ACM, que a liderança juvenil acemista atua em conjunto com o voluntariado, ou ainda, que a liderança é constituinte do voluntariado, mesmo que para ser líder seja necessário o exercício do trabalho voluntário. Há, então, uma quase inseparabilidade destes termos, ainda que cada um diga respeito a aspectos específicos e inextricavelmente sobrepostos.

Estes elementos da cultura acerca de juventudes, voluntariado e liderança podem, também, ser percebidos nos diferentes estudos realizados sobre esses temas, ou seja, em seus aspectos epistemológicos. É possível destacar que há uma gama bastante variada de trabalhos que enfocam esta temática. Posso destacar a existência de um Programa de Estudo sobre Trabalho Voluntário vinculado a um Laboratório de Políticas Públicas e Terceiro Setor no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS/ RS, que contempla distintas pesquisas acerca do voluntariado social (BAVARESCO, 2003, p. 12).

A maioria dos estudos voltados à discussão do voluntariado se embasa em preceitos e pressupostos da área da Administração, do meio empresarial e das organizações do Terceiro Setor, tais como o de Bavaresco (2003), que problematiza o discurso sobre o voluntariado na UNISINOS, o de Matsuda (2002), que busca compreender o nível de satisfação pessoal dos voluntários engajados em alguns projetos sociais e o de Pinheiro (2002), no qual o autor intenta problematizar a ação voluntária como ação em rede social, entre outros.

Do mesmo modo como ocorre com o tema do voluntariado, há uma grande produção de estudos sobre a liderança, sendo que boa parte está voltada para o meio empresarial e de negócios. Estudos como o de Asanome (2001), que procura estabelecer um novo paradigma nas relações de liderança no meio empresarial, ou ainda o de Petracca (2001), que faz uma revisão acerca das distintas concepções de liderança nas ciências humanas, articulam o termo líder e liderança, na maioria das vezes, a uma “cultura de empresa”, concepção esta tal como apresentada por Peters (2002).

Parece-me necessário nesse texto discutir e apresentar ao leitor algumas possibilidades de construção do objeto de estudo, desde sua inserção e produção nas culturas contemporâneas. Desse modo, desde o ponto de vista teórico assumido, foi necessário, ao discutir detidamente o objeto de estudo em questão, elaborar articulações acerca dos aspectos culturais que o compõem e sustentam na atualidade, sendo

extremamente produtivo pensá-lo como um produto da cultura, que adquire e faz circular sentidos específicos que são produzidos em meio às relações substantivas e epistemológicas da cultura na qual ele se insere.

Foi inserido nessa episteme que pude melhor delimitar, aprofundar e tecer algumas considerações sobre meu objeto de estudo. Entrementes, um outro empreendimento foi necessário para que as discussões se tornassem mais produtivas: fazer de tal objeto de estudo um problema; problematizá-lo, enfim.

### 3.2 DA CONSTRUÇÃO DE UM OBJETO DE ESTUDO ÀS POSSÍVEIS PROBLEMATIZAÇÕES

A perspectiva teórica aqui assumida implica colocar em suspensão as verdades daquilo que é investigado, suspeitar do que constitui, naturaliza, legitima e estabiliza o objeto de estudo, buscar tornar incerto aquilo que as faz parecer mais coesas e bem estruturadas. Para isso, a problematização do objeto de estudo requer a elaboração e transformação de um fato, de uma materialidade, de um discurso, de uma prática, em um problema, em questões, em questionamentos.

“Essa transformação de um conjunto de complicações e dificuldades em problemas para os quais as diversas soluções tentarão trazer uma resposta é o que constitui o ponto de problematização e o trabalho específico do pensamento” (FOUCAULT, 2004, p. 233).

Portanto, problematizar requer, principalmente, a elaboração do nosso objeto de estudo em problema, construí-lo a partir de conjuntos de questionamentos e de elaborações de respostas, ou ainda, de mais perguntas.

Tal perspectiva teórica permite, então, um olhar e tornar problemáticos os fatos, os ditos, os escritos que são pertinentes, permite um movimento que não gira em torno do bem e do mal, do certo e do errado, tampouco daquele olhar que exige uma solução final e derradeira para os problemas que investigamos – embora instigue a pensarmos e elaborarmos algumas considerações. A não proposição de verdades e soluções finais não implica que não seja possível – e diria até mesmo necessário – realizar considerações ou alguns apontamentos acerca daquilo que investigamos, mas implica estar atento para o fato de que inclusive aquilo que estamos considerando também é passível – e diria também necessário – de ser posto em suspensão, de averiguar as singularidades que possibilitaram determinadas inferências e não outras. Esse

movimento requer que delimitemos o que produzimos como conhecimento, ou ainda, como ressalta Foucault, tal movimento na constituição de respostas a partir das problematizações que elaboramos implica questionar não apenas “como puderam ser construídas as diferentes soluções para os problemas; mas também como essas diferentes soluções decorrem de uma forma específica de problematização” (FOUCAULT, 2004, p. 233).

Uma das possíveis maneiras de problematização das produções de jovens líderes acemistas para o exercício de voluntariado social consistiu em torná-lo um problema específico, em arranjar, elaborar e empreender nele movimentos de reorganização e de re-elaboração daquilo que o constitui. Assim, procurei problematizar o curso de liderança juvenil acemista, em suas múltiplas intervenções e ações, como um currículo, um currículo cultural que delimita, organiza, sistematiza e impõe, através de inúmeras estratégias, determinados conhecimentos, certas prescrições, selecionados conteúdos, em suma, maneiras específicas dos sujeitos se posicionarem no mundo e de conhecê-lo.

Um currículo, seguindo algumas reflexões de Corazza (2003), é produto de relações de força e de poder delimitadas histórica e culturalmente. Um currículo tem como base de sustentação o conhecimento e a verdade por ele apregoada, assim como, um tipo específico de sujeito e de subjetividade por ele almejada. Pensar um currículo dos jovens líderes acemistas foi, então, problematizar as práticas que produzem, legitimam e circulam certo tipo de conhecimento e de verdade sobre o tema da liderança juvenil acemista; foi problematizar um espaço no qual se procura formar um determinado tipo de sujeito: o jovem líder acemista. Foi tornar problemático este curso de liderança juvenil e entendê-lo como um lugar produzido no interior e através de relações de poder, de imposições de saberes e de significados.

Portanto, problematizar o curso de liderança juvenil acemista como um currículo, significou pensar que os conteúdos foram selecionados, de que modo, em que momento, por quem e para quem; como foram postos em movimento estes saberes e que elementos os sustentam, enfim, foi colocar em suspensão e movimentar aquilo que os cursos de liderança juvenil da Associação Cristã de Moços de Porto Alegre buscavam produzir e fabricar em suas inúmeras ações.

Discutir e analisar tal curso de formação de lideranças juvenis como um currículo ajudou-me a problematizá-lo como um espaço de organizações sistemáticas que possuem conteúdos e saberes a serem ensinados, e que almejam um tipo específico

de sujeito a ser formado. Assim, estabeleci discussões acerca das práticas mais recorrentes postas em funcionamento na formação dos jovens acemistas (práticas esportivas e recreativas, dinâmicas de grupos, reuniões e palestras, e, por fim, práticas de voluntariado juvenil) e também, os saberes mais enfatizados em sua formação (pressupostos da religião católica, de liderança juvenil e algumas relações e questões de gênero), a fim de pensar qual o jovem líder acemista que o curso procurava produzir.

Este foi um dos procedimentos empreendidos em minha pesquisa, a qual se delineou durante o próprio processo de investigação e a partir das leituras, sugestões e indicações realizadas. Tal movimento acabou por se tornar bem distinto dos procedimentos iniciais que pretendia seguir, configurando-se como um processo imprevisível de construção de conhecimento. Assim, diante desses fatos e acontecimentos, fica uma pergunta: pesquisar é preciso?

#### **4 PESQUISAR É PRECISO?**

*Navegar é preciso, viver não é preciso.*

(Fernando Pessoa)

Preciso: “1. o que faz falta; necessário, indispensável. 2. feito ou determinado com absoluto rigor e perfeição; exato, certo, definido. 3. que faz com perfeição aquilo que se propõe. 4. que atinge exatamente o alvo”. (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 2281). Numa rápida consulta ao dicionário, percebemos que o termo preciso possui diferentes sentidos. Um dos sentidos diz respeito à necessidade, ao fato de se precisar de algo, de algo ser indispensável. O outro sentido diz respeito à precisão, ao fato de ser certo, exato, perfeito naquilo que se propõe. Portanto, uma mesma palavra com diferentes sentidos. Esta ambigüidade do termo preciso potencializa as possibilidades de interpretação que Fernando Pessoa traz em seu poema, onde navegar é preciso (preciso com o sentido de exato, de definido) e viver não é preciso (com o mesmo sentido de claro, fixo, também de exato e definido).

Embora a frase escrita dessa forma – “navegar é preciso, viver não é preciso” - seja de Fernando Pessoa, cabe ressaltar que o poeta re-escreveu uma frase antes proferida por Pompeu, general romano, por volta de 70 a.C. (MING, 2004). Este fato, relatado por Plutarco em “Vida de Pompeu”, tinha no Latim ao invés do termo precisar o termo necessário. Então, segundo Plutarco, a frase é a seguinte: *navigare necesse est, vivere*

*non est necesse* (Navegar é necessário, viver não é). Pompeu proferiu esta frase quando ele e sua tripulação estavam prestes a embarcar num navio para mais uma viagem durante a guerra e seus marinheiros ficaram amedrontados com uma tempestade que estava por vir, negligenciando a ordem de embarcar dada pelo general - sendo naquele contexto das guerras a viagem muito mais necessária do que qualquer outra coisa, inclusive do que a vida. Por isso navegar era necessário, viver não. Quando Fernando Pessoa escreveu seu poema, parafraseando Pompeu, utilizou-se do termo preciso ao invés do termo necessário e, segundo Moreno (2005), foi justamente à ambigüidade que o termo preciso passou a ostentar neste poema [entre necessidade e exatidão] que acabou por torná-lo tão famoso, sendo esta, uma das marcas de um dos principais gênios da poesia.

Gostaria agora de fazer uma paráfrase com este poema, trocando o termo viver e navegar por pesquisar. Ficaria assim: “Pesquisar é preciso, pesquisar não é preciso”. Busco utilizar nesta frase os dois sentidos antes apresentados para o termo preciso e isto por dois motivos: um deles me leva a pensar o pesquisar e sua relação com o termo preciso de maneira semelhante à utilizada por Freitas (2002) quando escreve que “Viver a tese é preciso!”, e a Marques (2003), que afirma que “Escrever é preciso”, pois o escrever é o princípio da pesquisa. Freitas (2002) destaca algumas finalidades da ação do pesquisar como, por exemplo, a função burocrática institucional e a função social da pesquisa, envolvida na produção e renovação de conhecimentos e na formação do pesquisador que passará a ser um multiplicador dessas ações do pesquisar. A autora ainda destaca que “no limite, nós somos o maior objeto da tese, pois enquanto sujeitos dela nós vivemos um embate de forças internas e externas, elas nos ensinam muito sobre nós mesmos” (FREITAS, 2002, p. 225). Dessa forma, pesquisar é preciso, pois há nesta ação distintas funções necessárias, tais como institucionais, sociais, políticas e, também, há a necessidade de nossa constituição enquanto sujeitos pesquisadores. Assim, pesquisar é preciso, pois é algo que nos mobiliza, que nos constitui, não a partir de um lugar vazio a ser preenchido, mas a partir das questões que nos mobilizam e nos impulsionam a pesquisar, a nos constituir e constituir outras funções necessárias à pesquisa.

O segundo motivo pelo qual relaciono o pesquisar com o termo preciso – em sua segunda acepção - se deve ao fato de que entendo o pesquisar como uma aventura, um sair e deixar-se levar, na medida do possível, pelos movimentos próprios que o ato de pesquisar empreende. Uma aventura. Assim entendo minha pesquisa, com seus

movimentos, tempestades, balanços, calmarias e inseparabilidade daquilo que a constitui em seu entorno. Embora navegar seja preciso, necessite de precisão para guiar-se, entendo o pesquisar como algo que cria suas condições e constitui sua bússola e seu ‘norte’ no movimento mesmo de sua construção, de sua aventura de pesquisar, em nossa aventura de pesquisar e construir a pesquisa. Por isso, pesquisar não é absolutamente preciso algo que requer desde sempre precisão, exatidão, alvos e caminhos fixos e certos. Pesquisar não é preciso, pois não é exato, não é claro e previamente definido, descrito, prescrito, mapeado. A pesquisa envolve, nos constitui e somos produzidos num mesmo movimento de transformação e de elaboração que passa por diferentes caminhos. Nesses caminhos há trabalhos de campo, entrevistas, reuniões, discussões, leituras, re-elaboração do material de pesquisa, modificações na organização da composição do material de análise, mudanças e delimitações do foco e das questões de pesquisa e, principalmente, inúmeras sessões solitárias em frente à tela do computador e dos livros. Portanto, pesquisar não é preciso. Embora seja.

Para lançar minhas últimas considerações sobre o pesquisar, creio que é no decorrer da pesquisa que a construímos como tal e é nesse movimento, também, que delineamos e construímos os modos mais apropriados para conduzir a produção de nosso mundo específico de investigação.

Não há, portanto, uma receita ou um caminho prévio que desde seu começo defina o bom andamento da pesquisa, mas pelo contrário, são as inúmeras escolhas e caminhos trilhados que definirão a investigação durante sua própria elaboração.

Lanço-me, então, a esta contingente e incerta aventura do conhecimento. E não encerro meu texto afirmando como ela deve ser feita, pois creio que se o fizesse, poderia perder toda a produtividade e riqueza que nessa aventura se inscreve. E lembro, por fim, Zaratustra – aquele mesmo de Nietzsche (2005, p. 153) - que, quando interrogado sobre as provas e os caminhos que trilhou durante suas muitas transformações, assim falou: “Provando e interrogando, foi assim que caminhei. Este é agora o meu caminho; onde está o vosso? Era o que eu respondia aos que me perguntavam ‘o caminho’. Que o caminho... o caminho não existe”. Pelo menos não antes de ser iniciado!

**IS IT NECESSARY TO RESEARCH IN TIMES OF UNCERTAINTY?**

## **ABSTRACT**

Considering the starting points on the fact that today we experience a crisis of the absolute truths, we developed some considerations on the possibilities of constructing surveys which insert themselves in this contemporaneous paradigm. For that, first we discussed the theoretical frame which favors the comprehension of surveys based on that condition. In the sequence we presented the ways by which we insert this paradigm of doubts and uncertainties which outline the productions we carry out and the ways we develop the construction of the object of study during a research in the course of the master's degree.

Key words: Research. Knowledge. Study. Post structuralism. Cultures.

## **REFERÊNCIAS**

ABRAMO, Helena W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 5 – 6, 1997, p. 25-36.

ASANOME, Cleusa R. **Liderança sem seguidores: um novo paradigma**. Florianópolis: UFSC, 2001. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS (ACM). **Apostila sobre a Fundamentação do Serviço Voluntário Acemista**. Porto Alegre, 1999. (mimeo)

BAVARESCO, Rosa Maria Serra. **O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS**. São Leopoldo: UNISINOS, 2003. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Centro de Ciências Humanas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2003.

CORAZZA, Sandra M. **Composições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

EDUCAÇÃO. **Jornal Correio do Povo**. Porto Alegre, 16 jan. 2005. Geral, p 18.

FOUCAULT, Michel. Polêmica, política e problematizações. In: \_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos V – Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FREITAS, Maria Ester de. Viver a tese é preciso! In: BIANCHETTI, Lucídio;

MACHADO, Ana Maria Netto. (Orgs.). **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. Florianópolis: Ed. da UFSC; São Paulo: Cortez, 2002.

MANSKE, George Saliba. Em tempos de incerteza o pesquisar é preciso? **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.1, n.1, p.01-19, Sem I. 2007  
ISSN 1980-7031

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.22, n.2, 1997. p. 15-46

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JORNAL DA TVE/RS. Jornal da TVE/RS, 2ª Edição. Programa veiculado em 21 abr. 2005.

MANSKE, George Saliba. **Um currículo para a produção de lideranças juvenis na Associação Cristã de Moços de Porto Alegre**. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MARQUES, Mario Osório. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. 2003.

MATSUDA, Claudia Hayashi. **Estudo de satisfação dos voluntários engajados em entidades com área de atuação diversa, na cidade de Porto Alegre**. Porto Alegre: UFRGS, 2002. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-graduação em Administração, Faculdade de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

MING, Celso. **Avançar é preciso**. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/ecolunistas/ming/04/07/ming0407729.htm>>. Acesso em: 14 jul. 2005.

MORENO, Cláudio. **Navegar é preciso**. Disponível em: <[http://www.educaterterra.com.br/sualingua/01/01\\_navegar.htm](http://www.educaterterra.com.br/sualingua/01/01_navegar.htm)>. Acesso em: 14 jul. 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 2005.  
PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MANSKE, George Saliba. Em tempos de incerteza o pesquisar é preciso? **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.1, n.1, p.01-19, Sem I. 2007  
ISSN 1980-7031

\_\_\_\_\_. Governamentalidade Neoliberal e Educação. In: \_\_\_\_ **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

PETRACCA, Orazio. Liderança. In BOBIO, Norberto; et al. **Dicionário de política**. Editora UNB, 2001.

PINHEIRO, Leandro Rogério. **Gestão de voluntários, Ações em rede: Análise de dois casos em Porto Alegre**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

Dissertação (mestrado). Programa de Pós-graduação em Administração, Faculdade de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SPOSITO, Marília; CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 24, set/out/nov/dez 2003, p. 16-39.

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares... . In: COSTA, Marisa Vorraber. (Org.). **Caminhos Investigativos**: novos olhares na pesquisa em educação. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 23-38.